

## A CLÍNICA DE LINGUAGEM VOLTADA PARA AS QUESTÕES DE ESCRITA

### THE LANGUAGE CLINIC FOCUSED ON WRITING ISSUES

Flávia Rodrigues ANDRADE  
(Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP)  
flaviar.andrade@outlook.com

Lúcia Maria Guimarães ARANTES  
(Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP)  
[larantes@pucsp.br](mailto:larantes@pucsp.br)

**RESUMO:** Este artigo discute a clínica fonoaudiológica voltada para os impasses na escrita de crianças a partir da perspectiva da Clínica de Linguagem, proposta do Grupo de Pesquisa CNPq "Aquisição, Patologias e Clínica de Linguagem", coordenado por Lier-DeVitto e Arantes (LAEL/PUCSP). Considerando que esta perspectiva se destaca como diferencial no campo fonoaudiológico, este artigo tem como objetivo investigar o modo como esta abordagem incide sobre as questões de escrita. Para isso, será apresentado um recorte de uma dissertação de mestrado em que são apresentados fragmentos clínicos de pesquisadoras pertencentes à referida linha de pesquisa. A partir deste recorte, pretende-se tecer considerações teoricamente orientadas sobre o sintoma na escrita.

**PALAVRAS-CHAVE:** linguagem; escrita; clínica de linguagem; fonoaudiologia.

**ABSTRACT:** *This article discusses speech-language pathology assistance aimed at children's writing impasses from the perspective of the Language Clinic, proposed by the Research Group Acquisition, Pathologies and Language Clinic, coordinated by Lier-DeVitto and Arantes at LAEL/PUCSP. Considering that this perspective stands out as a differential in the field of speech therapy, this article aims to investigate the way in which this approach affects writing. For this, an excerpt from a master's dissertation will be presented in which clinical fragments of researchers belonging to the aforementioned line of research are presented. From this clipping, we intend to make theoretically oriented considerations about the symptom in writing.*

**KEYWORDS:** *language; writing; language clinic; speech therapy.*

## 1. Introdução

Este artigo discute a clínica fonoaudiológica voltada para os impasses na escrita de crianças e adolescentes a partir da perspectiva da **Clínica de Linguagem**, proposta pelo Grupo de Pesquisa CNPq "Aquisição, Patologias e Clínica de Linguagem", coordenado por Lier-deVitto e Arantes no LAEL/PUCSP, que assegura um modo particular de apreender o que se passa na relação sujeito-escrita. Esta vertente, fruto da teorização consistente de Lier-DeVitto (2007, 2012, 2018, 2020 e outros) sobre as falas sintomáticas, bem como a discussão sobre a configuração desta Clínica; suspende a noção de sujeito epistêmico e de linguagem como objeto de conhecimento, efeitos de sua fundamentação teórica que tem alicerces na Aquisição de Linguagem de Cláudia Lemos, na Linguística Estrutural e na Psicanálise.

Andrade (2021) revelou que no campo fonoaudiológico dedicado às questões de linguagem, os embaraços e impasses na escrita são abordados sob forte influência do discurso organicista e pedagógico. Neste sentido a linguagem é concebida como representação, e a escrita se configura, em grande medida, como representação gráfica da pauta sonora da linguagem. O fracasso no processo de aquisição é então atribuído à criança e problemas de escrita, numa **abordagem organicista**, são resultado de dificuldades de ordem perceptual e/ou cognitiva (neurofuncionais). Derivam-se daí, práticas clínicas que investem no treinamento de habilidades (auditivas, fonológicas etc.).

Por outro lado, numa **perspectiva discursiva (sócio-histórica)**, entende-se que o sujeito constrói conhecimento sobre o objeto, mediado pelo outro, com destaque para aspectos sociais, históricos e dialógicos na chamada "apropriação da escrita" pela criança. A escrita tem status de atividade interacional, alocada no campo social, é instrumento, que serve para mediar relações sociais. Nesta trilha, o fonoaudiólogo tende a atribuir os impasses na escrita a aspectos sociais, escolares ou emocionais e a proposta clínica envolve especialmente a resignificação da relação de sofrimento da criança com a escrita.

A Clínica de Linguagem, problematizando a ausência de considerações sobre a linguagem nestas perspectivas, segue caminho distinto das abordagens brevemente descritas acima, uma vez que se assume a noção de **língua enquanto funcionamento** (sistema cujas leis foram postuladas por Saussure (1916) e ampliadas por Jakobson (1954)), que opera em todas as modalidades da linguagem (fala, escrita, gesto) e faz com que estas possam relacionar-se e afetar-se mutuamente. É preciso salientar, ainda, que na consideração sobre o linguístico, não se deixa de fora o **sujeito**. Considera-se, nesta abordagem, a **singularidade das manifestações sintomáticas**. O que está em jogo é uma clínica que "acolhe o sujeito que sofre por

efeito de uma fala [escrita] sintomática”. (ARANTES e FONSECA, 2011: 122).

Considerando que a Clínica de Linguagem se destaca como uma abordagem que se distancia do que tem sido apresentado no campo fonoaudiológico, este artigo tem como objetivo investigar o modo como esta perspectiva incide sobre escritas faltosas. Para isso, fragmentos clínicos apresentados por pesquisadoras pertencentes ao Grupo de Pesquisa Aquisição, Patologias e Clínica de Linguagem serão discutidos à luz da reflexão encaminhada na dissertação de mestrado de Andrade (2021). A partir deste recorte, pretende-se tecer considerações sobre as possibilidades oferecidas pela teorização da Clínica de Linguagem para reflexões sobre o sintoma na escrita e sobre a leitura do material clínico.

## 2. O cruzamento entre modalidades da linguagem

Um dos alicerces fundamentais da Clínica de Linguagem é a Linguística Estrutural. Implicar o funcionamento da Língua na estruturação da linguagem e do sujeito, norteia e produz desdobramentos nas reflexões dessa vertente, como será demonstrado nesta seção.

Saussure estabeleceu a bifurcação da linguagem em Língua (*La langue*) e fala (*parole*), sendo a primeira, face interna e essencial da linguagem, tomada como “objeto integral” da Linguística. Língua é então definida pelo linguista como um sistema de valores puros, deste modo,

a ideia de valor, assim determinada, nos mostra que é uma grande ilusão considerar um termo simplesmente como a união de um certo som com um certo conceito. Defini-lo assim seria isolá-lo do sistema do qual faz parte; seria acreditar que é possível começar pelos termos e construir o sistema fazendo a soma deles, quando, pelo contrário, cumpre partir da totalidade solidária, para obter, por análise, os elementos que encerra. (SAUSSURE, 2006: 132)

Na teoria do valor, nenhum elemento vale em si mesmo, mas é efeito das relações que estabelece numa cadeia, na presença simultânea de outros elementos. Sendo a Língua um sistema de relações, Saussure definiu, então, como se daria seu funcionamento. São estabelecidas duas esferas distintas, porém solidárias, uma delas de caráter linear, o **eixo sintagmático**; e outra com caráter interior da língua, no qual os elementos não estão presentes no espaço, o **eixo associativo**.

Saussure instaurou uma novidade fundamental aos estudos linguísticos a partir da definição do objeto integral da Linguística, a Língua. Não foi realizada pelo linguista, uma teorização sobre a face empírica da linguagem, mas, como destacam Lier-DeVitto e Arantes (2020: 67), “a atribuição de um estatuto científico à fala estaria, para

o autor [Saussure], condicionada à inclusão da língua". Deste modo, a partir do movimento saussuriano, Jakobson buscou aproximar o funcionamento da Língua ao particular da fala, e propôs uma arquitetura entre as qualidades distintivas dos fonemas, na qual o fonema é um significante vazio, não tem valor em si, o seu sentido é efeito da articulação a outros elementos. Conforme aponta Catrini (2005: 29) sobre o legado do autor: "[...] a existência de um funcionamento universal não é incompatível com a possibilidade de considerações sobre a fala e o falante."

Para Jakobson (1977), toda manifestação da linguagem se realiza num jogo entre sincronia e diacronia. Assim, ele ressignifica os eixos saussurianos ao estabelecer o **eixo metonímico**, que desliza através do tempo, diacrônico; e o **eixo metafórico**, que responde por uma mobilidade interna e, portanto, sincrônica. Estes eixos de funcionamento apresentam mobilidade interna; a depender da função predominante, há uma projeção de um eixo sobre o outro promovendo diferentes efeitos.

Esta teorização fundamental, coloca a fala, a escrita, o gesto etc. como parte da face empírica da linguagem (*parole*) regidas pelo mesmo funcionamento, o da Língua. É este funcionamento que possibilita, então, o **cruzamento entre cadeias da escrita e da fala**. Conforme constatado por Bosco (2010: 164),

Deve-se, portanto, recusar a definição de escrita como "figuração", "representação" da fala, uma vez que nem o fonema, nem o grafema possui em si uma essência e, por isso, não se definem como positivities.

Rejeita-se, assim, a noção de língua como nomenclatura. Tal visão diverge da noção hegemônica no campo fonoaudiológico de escrita como representação da oralidade, visto que o cruzamento entre diferentes modalidades da linguagem é efeito do funcionamento da Língua.

A Clínica de Linguagem, afetada por tal teorização, implica o funcionamento da Língua nas considerações sobre as chamadas patologias de linguagem. Desse modo, em se tratando de crianças com embarços na escrita, é essencial ao clínico de linguagem realizar uma leitura diferente daquela adotada no contexto pedagógico, em que estes impasses indicam prejuízos nas funções cognitivas e/ou psicomotoras e se investe em exercícios para fixação de formas corretas. (Santos, 2008). Considerar a afetação mútua entre diferentes modalidades de linguagem é compreender que o sintoma não se deixa ver apenas nas produções escritas. O que está em jogo é a **relação sujeito-língua-escrita/fala**, essencial nas considerações sobre a linguagem.

### 3. A Clínica de Linguagem voltada para as questões de escrita

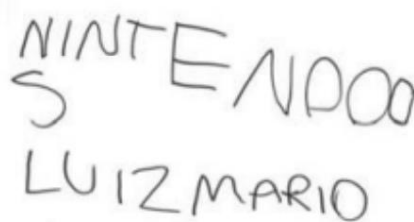
Essa seção traz fragmentos do terceiro capítulo da dissertação de mestrado mencionada no início deste artigo. Destacarei a seguir o modo como a teorização se articula à atuação clínica, bem como a posição do terapeuta de linguagem frente aos problemas de escrita, nos trabalhos de Lier-DeVitto e Andrade (2008), e de Anna Eliza Fongaro (2009). Entendo que ilustrar o fazer clínico, através de materiais, episódios e fragmentos terapêuticos, é um esforço necessário para explicar o modo como a Clínica de Linguagem pode incidir sobre os embaraços na escrita.

Inicialmente, retorno às contribuições de Lier-DeVitto e Andrade (2008: 61) que, ao interpretar segmentos de sessões de atendimentos, puderam apresentar a perspectiva teórico-clínica da Clínica de Linguagem que viabiliza uma abordagem particular da relação criança-escrita ou criança-fala-escrita, apoiada no “jogo significante que instaura e governa a relação da criança com a escrita.”.

Num desses episódios clínicos, as pesquisadoras apresentam o caso de um menino de 7 anos com uma escrita estagnada que se resumia ao registro do nome e de fragmentos gráficos ligados ao tema de videogames (Mário Bros, Nintendo, 007 etc.). Lier-DeVitto e Andrade (2008) destacam a mobilidade de significantes que se mostra ao longo dos segmentos apresentados e que indiciam a mudança de posição da criança perante o escrito.

No primeiro segmento (Figura 1), Lier-DeVitto e Andrade (2008) mostram as primeiras movimentações da escrita do menino, nos acréscimos a “Nintendo”. Vale destacar que, a partir do questionamento da terapeuta ao interpretar a escrita, “Nintendo?”; a criança, dizendo “Nintendos.”, acrescenta o “s” a “Nintendoo”. Este questionamento que leva à reformulação permite vislumbrar a posição do terapeuta como intérprete, como sugeriu De Lemos (1998), que pode movimentar esta escrita cristalizada. Observa-se também a segmentação/reconexão de segmentos dos nomes que foram desmembrados, uma vez que costumavam ser escritos em sua forma composta: “Luiz X” e “Mário Bros”. Há uma “combinação” desses nomes produzindo um novo.

Figura 1 – Primeiro segmento



The image shows handwritten text in three lines. The first line is 'NINTENDO'. The second line is 'S NINTENDOO', where the 'S' is written to the left of 'NINTENDOO'. The third line is 'LUIZ MARIO'.

Fonte: LIER-DEVITTO e ANDRADE, 2008, p.64

Em seguida (Figura 2), a criança registra "MARIOO" e, posteriormente volta para o papel e escreve "7", o que, segundo as autoras, embaraça a interpretação uma vez que cria uma dupla possibilidade: dois zeros ou dois "os". Conforme explicam as pesquisadoras, "É fato que podemos apreender um deslizamento metonímico dos dois "o" de "Nintendoo" para "MARIOO", mas a criança acrescenta "7" - outro significante emerge dessa composição amalgamada ("MARIOO7")". (LIER-DEVITTO e ANDRADE, 2008: 65). Ao informar inicialmente a presença do "007" nas produções cristalizadas da criança, as autoras não deixam perder de vista o modo como fragmentos destes escritos podem estar entrando em relação com o "o", deslocando-se, metonimicamente, nesta escrita.

Figura 2 – Segundo segmento



MARIOO7  
LUIZMAZE

Fonte: LIER-DEVITTO e ANDRADE, 2008, p.65

Após escrever "MARIOO7", a criança escreve Luiz e inicia a escrita de "Ma" e começa a ler a linha de cima como se fosse copiá-la: "zé-ro", interrompe e diz "Zé menino". As autoras esclarecem que, em todas as sessões, a criança pedia para brincar com um boneco, referido como "o menino" e nomeado "Zé"; contudo, até esta sessão o menino nunca havia escrito "menino" ou "Zé". Elas entendem que "esse acontecimento inusitado foi suscitado pela segmentação de "zero", em que "Zé", como significante, invoca outra cena." (LIER-DEVITTO e ANDRADE, 2008: 66). Vislumbra-se, aqui, a relação solidária entre os eixos de funcionamento da Língua. Um fragmento linguístico (significante) convoca outra cena e produz, novamente, um novo.

No segmento produzido após os anteriores (Figura 3), a criança inicia a escrita "PP", no mesmo segmento ela invoca "os três porquinhos" e registra o "3". As autoras destacam que a leitura de "PP3" só é possível pela relação fala-escrita, "a fala gera "3" na escrita e "3" funcionará como uma dobradiça: articula-se tanto com o segmento anterior, quanto com aquele que o sucede" (LIER-DEVITTO e ANDRADE, 2008: 67). A criança escreve POR (ou P6R?) e lê cada elemento como uma sílaba: por-qui-nhos.

Figura 3 – Terceiro segmento



Fonte: LIER-DEVITTO e ANDRADE, 2008, p.66

As autoras ainda apontam para a imprecisão entre letras e números em "POR" ou "P6R", e em "FS" ou "F5", que remete à um desenho de teclado de computador feito numa outra sessão. Já "PEIXINHO", que tem um traçado preciso, trata-se de segmento intensamente trabalhado na escola em atividades de reconhecimento de palavras na letra de uma música (a criança deveria circular palavras ouvidas numa música). Segundo as pesquisadoras, o menino se fixa nessa palavra, "não há instabilidade, nem equívoco; apenas uma reprodução -, o que permite pensar que o "sintomático" está do lado "acerto"" (LIER-DEVITTO e ANDRADE, 2008: 67). Não é possível flagrar no registro "PEIXINHO", a movimentação de significantes gráficos como nos fragmentos anteriores.

Elegi trazer estes episódios clínicos tão bem trabalhados por Lier-DeVitto e Andrade (2008), porque eles lançam luz sobre alguns aspectos que entendemos como fundamentais à posição de um clínico de linguagem frente aos embaraços e impasses na escrita de crianças: a afetação pelos equívocos significantes expressos pela criança; a escuta para o modo de relação entre significantes regido pelo funcionamento da Língua (sejam eles falados ou escritos); e olhar além da materialidade das produções escritas de crianças. Estes são os aspectos que marcam a posição de intérprete diferenciado assumida pelo clínico de linguagem.

A teorização do Interacionismo de Cláudia De Lemos, que também fundamenta a Clínica de Linguagem, ao aproximar-se do Estruturalismo Europeu e da Psicanálise, possibilita a articulação língua-falante-outro, nodal para as considerações sobre as patologias de linguagem. É a partir desta teorização que a Clínica de Linguagem se configura como solo particular de uma atuação que pode sustentar "um compromisso com uma teoria sobre a linguagem para que possa sustentar outro: com a fala [escrita] do paciente". (ARANTES, 2001: 4).

Apesar de um dos alicerces teóricos da Clínica de Linguagem partir de uma teorização sobre aquisição de linguagem, tal articulação só foi possível por se tratar de uma proposta que seguiu na contramão dos estudos tradicionais sobre o tema. A subversão promovida pelo Interacionismo de De Lemos (1982) que privilegiou os erros, repetições da fala do outro e a heterogeneidade da fala de crianças a estatuto de

material empírico; foi um feito inédito no campo da Aquisição de Linguagem.

Foram apreendidos por De Lemos três fenômenos nas produções de crianças: (1) incorporação de fragmentos da fala do outro (alienação à fala), (2) os "erros" (efeitos de cruzamentos entre cadeias da Língua) e (3) a heterogeneidade das produções ("acerto" e "erro"). Estas constatações permitiram ao Interacionismo um distanciamento crítico das abordagens tradicionais necessário à configuração teórica de De Lemos. Assim, a partir do encontro com a Linguística Estrutural e com a Psicanálise, empreendeu-se a formulação teórica do Interacionismo estruturado nas seguintes proposições:

- (1) a fala de crianças é efeito de relações entre criança e linguagem – criança-fala do outro; criança-Língua; criança e a própria fala. (2) a aquisição é um processo de mudanças estruturais - mudanças de posição da criança frente à fala do outro, à Língua e à própria fala. (3) a Língua tem um funcionamento estrutural, que tem anterioridade lógica em relação ao sujeito – a criança é, portanto, por ela capturada. (LIER-DEVITTO e ANDRADE, 2011: 5).

Os fundamentos da teorização de De Lemos, servem às reflexões sobre a aquisição da escrita<sup>1</sup>, uma vez que, como mencionado anteriormente, esta manifestação ocupa lugar na face empírica da linguagem, desse modo abordar a escrita é abordar a linguagem.

Passemos agora à dissertação de Anna Eliza Fongaro (2009: 21), fonoaudióloga vinculada ao grupo de pesquisa mencionado no início deste artigo. Seu trabalho discutiu a natureza do sintoma na escrita. Impulsionada pela "hipótese de que as manifestações sintomáticas trazem à tona um sujeito que não controla o que diz/escreve."; a pesquisadora seguiu as proposições da Clínica de Linguagem, uma vez que possibilitam uma discussão sobre o sintoma na escrita que articule linguagem e sujeito. Este trabalho também ilustra o modo como a Clínica de Linguagem incide sobre as questões de escrita.

A autora apresenta casos clínicos atendidos num momento que antecede a sua filiação à Clínica de Linguagem, mas que puderam, em sua pesquisa, ser discutidos à luz desta teorização. Serão apresentados aqui, materiais clínicos de dois dos casos interpretados pela autora. No primeiro caso, traremos a escrita de Renato, destacada por Fongaro (2009) por suas segmentações peculiares. No segundo caso, apresentaremos a escrita de Thomas<sup>2</sup>, que chama atenção da autora pelo traçado das letras. Acompanharemos a seguir alguns dos pontos salientados pela pesquisadora.

No que se refere às segmentações peculiares, a fonoaudióloga destaca o fragmento "sim coterão" presente num pequeno texto escrito por Renato; que só pôde ser interpretado por ela "na relação ao trecho

---

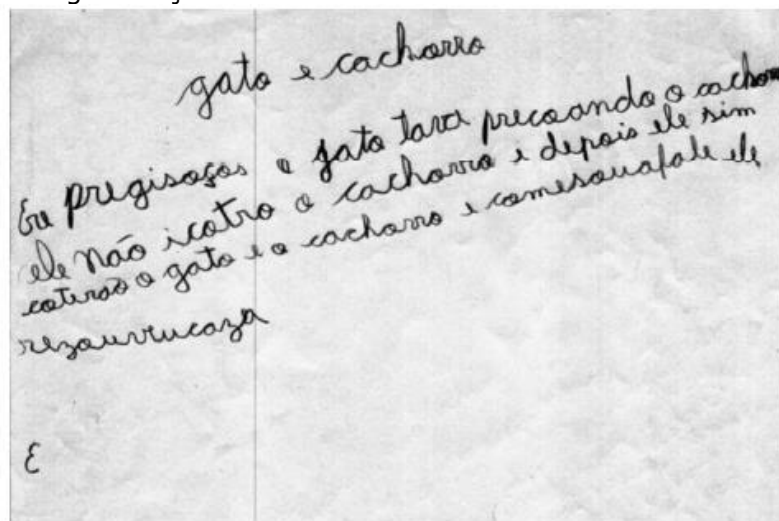
<sup>1</sup> Sobre isso ver: Borges (1995, 2006) e Bosco (2005).

<sup>2</sup> Os nomes dos pacientes são fictícios.



anterior “não icotro”, constituído por duas unidades, as palavras da língua constituída “se encontraram”.

Figura 4 – Segmentação Peculiar



Fonte: FONGARO, 2009, p.71

Segundo Fongaro (2009), este fragmento pode revelar “um emaranhado de cadeias da fala e da escrita”, de modo que, segundo ela,

“Sim” condensa cadeias da oralidade e da escrita, ele emerge na estrutura manifesta como efeito de cadeias da oralidade e da escrita que estão latentes. Este recorte é efeito do funcionamento da língua, conforme pode apontar Borges (1995/2006) em seu trabalho, mas também revela a presença da fala na escrita, conforme indicou Abaurre (1997/2002). Porém, o sujeito que podemos ver nessa articulação significativa é menos aquele que quando erra mostra “as rotas singulares” e as estratégias que utiliza para diferenciar a escrita da fala, como entende Abaurre, mas sim **um sujeito alienado ao funcionamento da língua, um sujeito que não estranha o que escreve.** (FONGARO, 2009: 72, destaque nosso).

Neste trecho, Fongaro (2009) recupera a reflexão por ela realizada, neste mesmo trabalho, sobre pesquisas dedicadas ao estudo da segmentação na escrita. Ao investigar as hipóteses levantadas pela linguista Abaurre sobre a segmentação peculiar realizada por crianças, Fongaro (2009) destacou aquela que relaciona estas segmentações peculiares à um “vazamento para o espaço da escrita de elementos que pertencem ao espaço da oralidade” (ABAURRE, 2002: 23 apud FONGARO, 2009: 58). A fonoaudióloga corrobora com a hipótese da presença da fala na escrita inicial de crianças, mas, diferentemente da linguista, ela entende, sob efeito da leitura de Saussure, a “relação entre essas materialidades (fala/escrita) como efeito do funcionamento da língua que coloca em relação as cadeias da fala com as cadeias da escrita.” (FONGARO, 2009: 60).

Ainda neste episódio clínico, chama a atenção da fonoaudióloga a fala da mãe deste menino que refere que ele em alguns momentos se comportava como adulto, semelhante a um marido. Revela ainda que o pai havia deixado a família quando a criança tinha 4 anos (na ocasião dos atendimentos ele tinha 12 anos). Neste ponto, a pesquisadora recorre mais fortemente o diálogo com a Psicanálise e as formulações de Pommier são convocadas para empreender suas reflexões. Vejamos, brevemente, as elaborações do psicanalista sobre a escrita e o modo como estas pode servir à clínica de linguagem neste caso.

Pommier (1999) propõe uma elaboração psicanalítica sobre a aquisição da escrita. Ele realiza uma espécie de comparação entre o surgimento da escrita na civilização e a sua "aquisição" por cada sujeito. Suas considerações envolvem a encruzilhada estrutural da constituição do sujeito: o Complexo de Édipo; e a escrita é tomada como uma formação inconsciente.

Todas as escritas empregadas no mundo, explica Pommier (1999), tem sua matriz em duas escritas: a egípcia e a chinesa. Ambas foram desenvolvidas a partir do desenho (ideogramas e pictogramas) e, posteriormente, foram fonetizadas, num necessário processo de apagamento (esquecimento/repressão) da imagem.

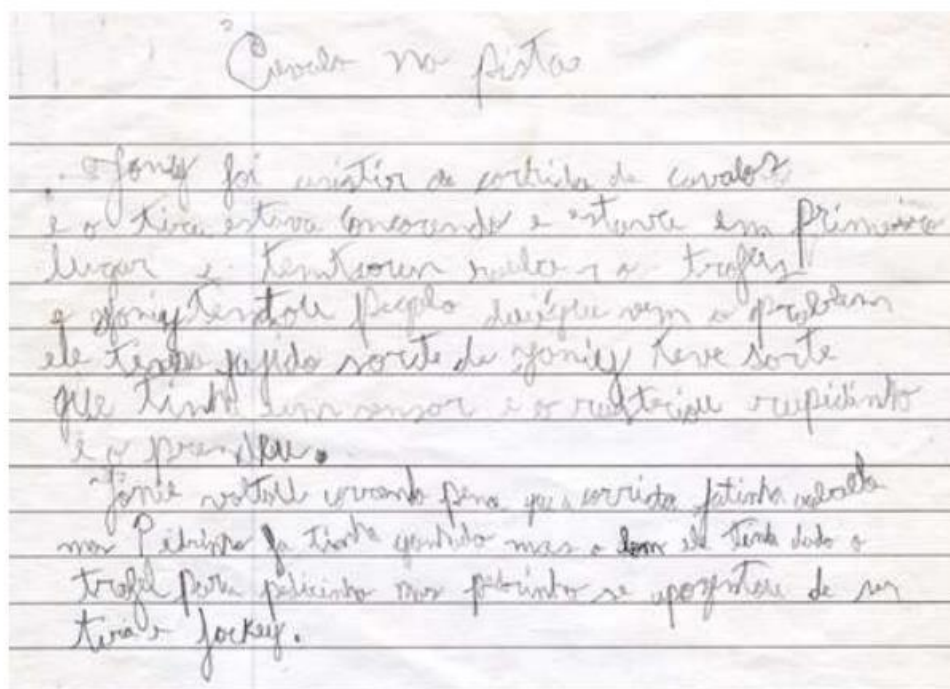
Segundo Pommier (1999), Akhenaton, faraó egípcio considerado o inventor do monoteísmo; por nutrir um desafeto por seu pai, Amenofis, nome que continha o hieróglifo do deus Amon em sua representação; destruiu a imagem deste deus na escrita. Akhenaton, ao instituir o monoteísmo, destrói, então, todo o panteão de deuses egípcios e os hieróglifos que os representavam. Acreditava-se que a imagem continha o espírito, a essência das coisas, assim o apagamento desta equivalia ao assassinato. Restou apenas o alfabeto consonantal que existia no meio do alfabeto egípcio. Desse modo, o monoteísmo teve como sentido a realização de um desejo edipiano (POMMIER, 1999: 16).

O psicanalista entende que "a invenção da escrita alfabética foi consequência de uma invenção edipiana do monoteísmo" (POMMIER, 1999: 16, tradução nossa). Enredam-se assim, nome próprio, Complexo de Édipo e monoteísmo. Nesta trama, há uma teorização psicanalítica fundamental referente a constituição subjetiva e aos conceitos de castração e recalque que requerem um aprofundamento teórico que não concerne ao objetivo deste artigo.

Exposta brevemente a elaboração do psicanalista, entende-se por que a relação entre mãe e filho, no caso de Renato, afetou Fongaro (2009). A pesquisadora interroga, recorrendo à teorização de Pommier, "se a dificuldade para apagar a imagem (sonora e visual) das letras para ganhar outra imagem (sonora e visual), a dos significantes, seria indício da dificuldade de submissão a lei de proibição." (FONGARO, 2009: 75).

Passemos agora ao outro segmento clínico em que a pesquisadora destaca a imprecisão do traçado das letras nas produções de Thomás. A leitura do texto só foi possível “através das relações entre os significantes e não somente através do segmento grafado de forma isolada, e, ainda assim, a indecidibilidade insiste em muitos fragmentos” (FONGARO, 2009: 80).

Figura 5 – Traçados imprecisos

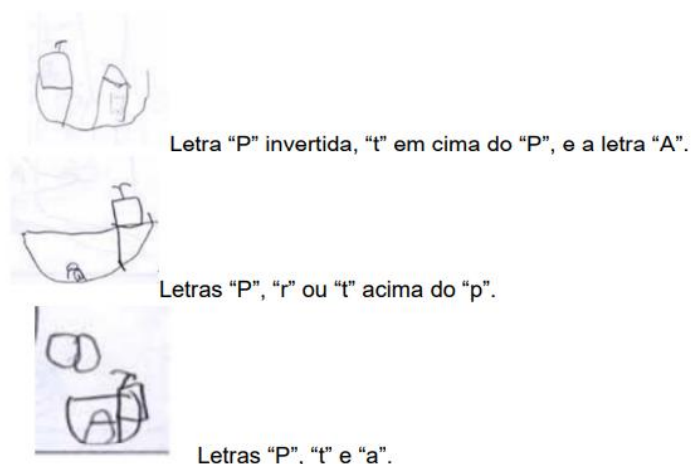


Fonte: FONGARO, 2009, p.80

Vê-se, neste texto, rasuras, letras mescladas e traçados imprecisos. Na primeira linha, o segundo “r” da palavra “corrida”, confunde-se com a letra “h”; na segunda linha, o segundo “i” da palavra “primeiro” apresenta um traço que remete à letra “t”; na quinta linha, na palavra “tinha” há um emaranhado de traços na letra “h”; e na oitava linha, os traçados da letra “u” na palavra “voltou” estão altos, remetendo novamente à letra “t”. Segundo a autora, estas manifestações são “resultado do funcionamento da língua que, na relação entre traçados, estabelece efeitos de semelhanças entre os significantes que aparecem amalgamados.” (FONGARO, 2009: 81).

Num outro fragmento deste mesmo caso, a autora chama a atenção para o que parecem letras traçadas nos desenhos que acompanhavam o texto de Thomás e entende que, estas manifestações, revelam “um aprisionamento deste sujeito ao valor da imagem da letra.” o que a faz introduzir a questão, retomando considerações de Pommier, “se seria este um indício de seu aprisionamento à imagem do corpo” (FONGARO, 2009: 87).

Figura 6 – Traçado das letras



Fonte: FONGARO, 2009, p.86

Cabe ressaltar que outro ponto fundamental na teorização de Pommier (2011) é que, nas crianças, o desenho precede a escrita. É a insuficiência do desenho que irá solicitar a escrita, assim, conforme aponta o autor, a escrita se desarticula do desenho. Para ele, "a escrita propriamente dita só começa quando a letra não representa mais nada e, uma vez perdida toda essa virtude icônica, ganha a possibilidade de significar" (POMMIER, 2011: 18). Esta noção de apagamento, fundamental para o alfabetismo - que na escrita é não só da imagem, mas também do som em menor grau - que, na clínica, é assegurada pelo recalçamento. Neste sentido, os desenhos de Thomás, constituídos por letras, puderam ser interpretados por Fongaro (2009) como indício de que o valor da imagem da letra não havia sido recalçado pela criança.

Fongaro (2009: 92) reforça que os trabalhos do Grupo de Pesquisa Aquisição, Patologias e Clínica de Linguagem, assim como as considerações de Pommier, possibilitaram uma nova direção para tomar o sintoma na clínica fonoaudiológica com as questões de escrita. Esta pesquisadora trouxe contribuições importantes sobre a possibilidade de entrada da criança na escrita, bem como sobre a leitura do material clínico. Vê-se, através da análise destes materiais, que o clínico de linguagem apreende o que se passa na relação da criança com a escrita, uma vez que não deixa escapar o jogo significativo instaurado pelo funcionamento da Língua, bem como a carga subjetiva implicada nesta relação, efeito da aproximação ao campo da Psicanálise.

Insistimos, ainda, que há, na Clínica de Linguagem, um diálogo com os campos da Linguística e da Psicanálise. Como esclarece Lier-DeVitto (2011a), na Clínica de Linguagem "os sintomas na fala [escrita] não podem ser contornados, ocultados, ou seja, eles ficam expostos e expõem o falante em sua falta/falha." (LIER-DEVITTO, 2011a: 65).

Desse modo, ao recorrer a outros campos, as especificidades que concernem a cada um deles são mantidas.

A seguir, discutiremos, conforme proposto, aspectos referentes ao sintoma na escrita. Empreender tal discussão é fundamental para afastar abordagens pedagógicas do campo clínico.

#### **4. Erro e sintoma na linguagem**

No campo das patologias de linguagem, segundo Lier-DeVitto (2011b: 146), não tem sido possível relacionar estritamente sintomas à ocorrência de “formas linguísticas atípicas”. Isto porque, “formas atípicas não são propriamente distintas das produzidas por crianças “normais” e as típicas estão presentes em quadros sintomáticos.”. No que se refere à aquisição da escrita, é consenso que a ocorrência de erros é inerente a este tempo, deste modo, a distinção entre normal e patológico envolve questões que não podem ser naturalizadas e pautadas pela dicotomia acerto/erro.

Frequentemente a ocorrência embaraços na escrita é atribuída à uma variação no “ritmo de desenvolvimento”, ou seja, a diferença entre normal e patológico é definida com base no aspecto da defasagem temporal. Se a criança não segue o tempo e o modo estabelecidos para alfabetização, considera-se que há um problema. Tradicionalmente, como aponta Fragelli (2009), a criança “não pode nos desapontar, não pode indicar para si uma direção diferente da que determinamos narcisicamente que cumprisse”.

Considera-se, nos chamados “transtornos de leitura e escrita”, entre eles a dislexia, que há uma condição neuro funcional que perturba a aquisição da escrita. Esta condição seria genética e independentemente das circunstâncias, manifesta-se na escrita. Desimplica-se, deste modo, a escola, a família e a criança das questões de escrita (FRAGELLI, 2009).

No contexto escolar, o critério cronológico costuma ganhar força, uma vez que ele faz parte da organização desta instituição, assim, variações no ritmo de aquisição costumam ser considerados índice de patologia na criança ou de ineficácia do método de ensino, como apontou a educadora Santos (2008),

De fato, essa correlação [relação idade-série escolar] não deixa de funcionar como parâmetro nas avaliações de rendimento, ligadas à área da Educação. Estas defasagens são, como disse, geralmente assumidas como falhas geradas por métodos, quando não se aponta o indicador para uma alegada incapacidade da criança. Ocorre, porém, que esse segundo argumento acaba não sendo sustentável, precisamente pelo grande número de crianças que fracassam. (SANTOS, 2008: 64)

As elaborações de Santos (2008) apontam para o fato de que a valorização da busca pelo método de ensino mais eficiente apaga o

olhar dos educadores para os impasses singulares vivenciados pela criança na sua relação com a escrita. Entretanto, conforme alerta a autora, ao invés de encontrar este almejado método, “o que se tem conseguido com “alunos difíceis” (e são muitos!) é sustentar um movimento circular de aprisionamento desses alunos numa escrita que não indica movimento rumo à sua constituição.” (SANTOS, 2008: 64). No nosso entender, sem entrar em discussões sobre aspectos escolares, marcada está a especificidade entre os campos, uma vez que é a partir do esgotamento de estratégias do campo da educação que o campo médico e/ou clínico é convocado.

Abordar a questão do sintoma como um problema de natureza linguística, circunscreve um compromisso com uma teorização sobre a linguagem. Para refletir sobre o sintoma na escrita, considero necessário tomar distância das abordagens pedagógicas, porque, reafirmamos, a chegada da criança à clínica é indicativa do limite das ações pedagógicas. É fundamental demarcar diferenças entre campos, para que se justifique a especificidade de práticas (clínica, pedagógica, psicopedagógica ou outra) que abordam a questão dos embaraços da criança com a escrita.

Conforme Lier-DeVitto (2006: 186), “Pode-se admitir que o sintoma diga, sem dúvida, de um tempo, mas não do cronológico – ele inscreve e se inscreve num tempo outro: tempo da insistência, da repetição.”. O que está em jogo, deste modo, nos quadros de patologia de linguagem, não é a idade cronológica, mas sim a insistência numa posição na linguagem. A autora ainda destaca que o sintoma na linguagem produz um sofrimento “porque é expressão tanto de uma fratura na ilusão de semelhante (ele descostura o laço social), quanto leva à “ruptura da ficção de si mesmo” (Vorcaro), i.e., da ilusão de sujeito em controle de si” (LIER-DEVITTO, 2006: 185).

Segundo a autora, é o desconhecimento do sujeito sobre o porquê de a fala/escrita acontecer desse modo acidentado que convoca o suposto saber do outro-terapeuta, para que uma mudança na condição do paciente possa ser empreendida.

a *clínica* é espaço instituído pela presença de um sujeito que tem uma queixa sobre sua fala (e sobre sua condição de falante) e que dirige uma demanda a um *outro* que é, por isso, investido da capacidade de produzir *mudanças*. Sendo esse o caso, tanto esse “outro” deveria ser pensado em sua especificidade como *outro-terapeuta* quanto *mudança* deveria ser ressignificada, já que, no caso, ela fica na dependência de uma “ação clínica” – uma *interpretação* – que, espera-se, possa incidir sobre o *sintoma*. (LIER-DEVITTO, 2006: 184).

Neste sentido, a pesquisadora assinala que uma reflexão sobre o sintoma implica considerar o “modo particular de enlaçamento de um sujeito na/pela linguagem – relação sujeito-língua/fala, como sugere De Lemos” (LIER-DEVITTO, 2006: 187). Assim indica que o desconhecimento do sujeito sobre o porquê sua fala/escrita acontecer

de uma determinada maneira e a impossibilidade de mudança apontam para a “implicação da hipótese do inconsciente introduzida por Freud”. Desse modo, segue Lier-DeVitto (2006: 185), circunscrever a interpretação do fonoaudiólogo envolve considerar a demanda do paciente e a especificidade do sintoma na linguagem. Nesse sentido, insistimos com a autora, “sintoma” não coincide com “erro”, seja por conta da resistência que impõe à interpretação/mudança; seja pelo efeito distinto que produz na escuta do outro”.

## 5. Conclusão

Neste artigo, foi investigado o modo como a Clínica de Linguagem é firmada, e como possibilita ao clínico convocado por uma escrita faltosa, um modo singular de incidir sobre estas escritas. A escuta destes terapeutas, sem perder de vista o diálogo com a Psicanálise; e o compromisso com o linguístico, marca uma “clínica que pode suportar e recolher movimentos e impasses da relação criança-linguagem e que pode escutar, nos equívocos, índices de mudanças importantes na trajetória clínica da criança.” (LIER-DEVITTO e ANDRADE, 2008: 67).

Finalizo enfatizando que a Clínica de Linguagem não pode se furtar de incidir sobre a materialidade da fala/escrita, trata-se de uma questão ética, como assinala Arantes (2001),

[...] os sintomas com quais lidamos não deixam de envolver sempre questões referentes ao [sujeito] e seu modo de inscrição na linguagem - não se pode desconsiderar que todos os pacientes demandam uma transformação na sua fala/[escrita]. (ARANTES, 2001:117)

Buscar mudanças na escrita de crianças no sentido de uma escrita constituída, não desimplica o olhar do clínico para o modo de relação que ela estabelece com outras modalidades de linguagem, como procuramos demonstrar.

## Referências bibliográfias

ANDRADE, F.R. *Reeducar ou clinicar? Perspectivas teóricas e direções clínicas da atuação fonoaudiológica voltada para as dificuldades de leitura e escrita*. 2021. 123p. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos de Linguagem). Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos de Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUCSP - São Paulo. 2021.

ARANTES, L. M. G. *Diagnóstico e Clínica de Linguagem*. 2001. 182p. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos de Linguagem). Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos de Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUCSP - São Paulo, 2001.

ANDRADE, Flávia Rodrigues; ARANTES, Lúcia Maria Guimarães. A clínica de linguagem voltada para as questões de escrita. *Revista Intercâmbio*, v.L: 16-32. 2022. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

ARANTES, L. M. G. Impasse nas produções desviantes sintomáticas e não sintomáticas. In: LIER DE VITTO, MF. E ARANTES, L. (organizadoras), *Aquisição, Patologia e Clínica de Linguagem*. São Paulo: EDUC, p. 219 – 226, 2006.

ARANTES, L.M.G. & FONSECA, S.C. Efeitos da escrita na Clínica de Linguagem, In: LIER-Devitto, M. F. ARANTES, L. (organizadoras). *Faces da Escrita: Linguagem, Clínica, Escola*. Campinas, SP: Mercado das Letras, p. 117-140. 2011.

BOSCO, Z. Aquisição da escrita: a relação sujeito e linguagem em questão. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 52, n. 1, Campinas-SP, p.163-176. 2010. DOI: 10.20396/cel.v52i1.8637208. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637208>. Acesso em: 23 jul. 2020.

CATRINI, M. *A Marca do Caso: Singularidade e Clínica de Linguagem*. 2005. 100p. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos de Linguagem). Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos de Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUCSP - São Paulo. 2005.

DE LEMOS, C. T. G. Sobre a aquisição de linguagem e seu dilema (pecado) original. *Boletim da Abralin*. Recife: Editora da Universidade Estadual de Pernambuco, v. 03, 1982, p.97-126.

DE LEMOS, C. T. G. Sobre a aquisição da escrita: Algumas questões. In: ROJO, R. *Alfabetização e letramento: perspectivas linguísticas*. Campinas, SP. Mercado das Letras, p. 7-18, 1998.

FONGARO, AEM. *Manifestações sintomáticas na escrita e a clínica de linguagem*. 2009. 109 p. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada aos Estudos da Linguagem). Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos de Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUCSP- LAEL, São Paulo, 2009.

FRAGELLI, I. K. Z. Sintomas na escrita. In: *formação de profissionais e a criança-sujeito*, 7., 2008, São Paulo. Proceedings online. Disponível em: [http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC000000032008000100038&lng=en&nrm=abn](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000032008000100038&lng=en&nrm=abn). Acesso em: 01 Feb. 2022.

JAKOBSON, R. *Linguística e Comunicação*. 9ª ed. Cultrix, São Paulo. 1977.



ANDRADE, Flávia Rodrigues; ARANTES, Lúcia Maria Guimarães. A clínica de linguagem voltada para as questões de escrita. *Revista Intercâmbio*, v.L: 16-32. 2022. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

LIER-DEVITTO, M. F. Abordagem de falas sintomáticas: sobre a condição intervalar da clínica de linguagem entre a linguística e a psicanálise. In: SILVEIRA, E. M. (org.). *As bordas da linguagem*. 1ed.Uberlândia, EDUFU, p. 57-67, 2011a.

LIER-DEVITTO, M. F. Falas sintomáticas: fora de tempo, fora de lugar. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, SP, v. 47, n. 1/2, p. 143-150, 2011b. DOI: 10.20396/cel.v47i1/2.8637278. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637278>. Acesso em: 15 abr. 2022.

LIER-DEVITTO, M. F. Patologias de Linguagem: sobre as "vicissitudes de falas sintomáticas. In: LIER-DE VITTO, M. F, ARANTES, L. (organizadoras). *Aquisição, Patologia e Clínica de Linguagem*. São Paulo: EDUC, p.183-200, 2006.

LIER-DEVITTO, M.F & ANDRADE, L. 2011. A abordagem do erro na fala e na escrita: aquisição, alfabetização e clínica, *Anais do XIII SILEL - Simpósio Nacional de Letras e Linguística* e III Simpósio Internacional de Letras e Linguística. Uberlândia, v.2, n.2, 2011, p. 1-13.

LIER-DEVITTO, M.F & ANDRADE, L. Considerações sobre a interpretação de escritas sintomáticas de crianças. *Revista Estilos da Clínica*. São Paulo. Vol. XIII. nº 24. junho, 2008, p. 54-71.

LIER-DEVITTO, M. F. & ARANTES, L. Incidências da novidade Saussureana no Interacionismo e na Clínica de Linguagem. *Revista Estudos em Letras*. v. 1, n. 1. jul. - dez. 2020, p. 65-76.

POMMIER, G. *Nacimiento y renacimiento de la escritura*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1999.

POMMIER, G. O. A história da escrita e a aprendizagem de cada criança. In LIER DEVITTO, M.F & ARANTES L. *Faces da Escrita – linguagem, clínica, escola*. Mercado de Letras, São Paulo, p. 17-32. 2011.

SANTOS, R.V. *Impasses do aluno com a escrita no ensino fundamental*. 2008. 108 p. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem). Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos de Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUCSP – LAEL, São Paulo, 2008.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 279p, 2006.

Recebido em 22/11/2021  
Aprovado em 20/05/2022